

## O saber coletivo

Como tudo em sociedade, o saber é resultado de uma troca, dependente, no caso, da interlocução. Esta, conforme as circunstâncias, pode ser regressiva ou emancipadora.

Se me perguntarem porque escrevo estes editoriais, responderei, de pronto, que são vários os motivos. O primeiro: para aprender. Poderia acrescentar outros, nessa ordem: porque pretendo colaborar com o saber coletivo; porque desejo levar, aos outros, informações ou pontos de vista de que ordinariamente não dispõem; e porque, em situações radicais, pretendo defender meu ponto de vista.

Não quero discutir, aqui, as condições em que a interlocução é emancipadora. Quero é estabelecer as bases do diálogo para o qual, com os meus editoriais, costumo te convidar. Porque assim devem ser interpretados os meus editoriais: como um convite ao diálogo e à crítica.

Partamos do seguinte: poucas são as minhas opiniões que considero definitivas; estas, guardo para mim. As demais são, todas, discutíveis.

Assim, a tua opinião, principalmente quando discordante, me faz refletir mais do que já tinha feito antes (e não é pouco), ao apresentar a minha. Estou interessado naquilo que você pode me ensinar, a partir da tua experiência e do teu conhecimento.

Você terá, eventualmente, argumentos que me façam enxergar aquilo que, antes, eu não tinha percebido.

“Argumentos” é uma palavra boa. Se você os tiver poderá contribuir, querendo, para modificar meus pontos de vista. Mas se você não os tiver, ou não quiser, certamente continuarei preso às minhas discutíveis opiniões, o que seria lastimável.

Para ilustrar o que quero dizer, é bom usar um exemplo.

Nas eleições de 1960, votei em Jânio Quadros para presidente da República. Não havia, então, segundo turno. Ao decidir votar em Jânio e na sua vassourinha (que iria varrer a corrupção), utilizei o seguinte critério: parti do modo segundo o qual ele tinha governado o Estado de São Paulo. Como não o conhecia pessoalmente, dependi das informações disponíveis na imprensa. Votei nele, também, porque não simpatizava com o outro

candidato, que usava espada, e tinha golpeado a legalidade, ainda que, segundo se dizia, preventivamente.

Em parte por causa do meu erro, só voltei a votar para presidente vinte e nove anos depois, na eleição de Collor. Aí Inês já era morta, mas não repeti o erro. Compreendera que aqueles antigos critérios não eram suficientes. Que, para escolher bem, era preciso saber quais as reais forças que estavam por trás das candidaturas. Porque são muitas as legendas, mas apenas dois os partidos políticos: a favor ou contra o “status quo”. Saber isso era importante para prever como seria o próximo governo: a favor da oligarquia, ou a favor do povo.

Desejo-lhe, de todo o coração, um bom dia.